

Orquidário



Volume 21, n° 4
Outubro a Dezembro 2007

OrquidaRIO Orquidófilos Associados

Revista Orquidário

ISSN - 0103-6750



Editor

Carlos E.M. Carvalho

Conselho Editorial

Antônio Ventura Pinto

Carlos A.A. Gouveia

Carlos E.B. Pereira

Maria do Rosário de A. Braga

Paulo Damaso Peres

Publicação da OrquidaRIO -
Orquidófilos Associados

Deseja-se permuta com publicações afins. Artigos, textos e contribuições escritas devem ser remetidos ao Editor, em disquete, zip drive, cd, ou enviados por e-mail e, de preferência, gravados em um dos seguintes editores de texto: Page Maker, Word, Works, ou outros compatíveis com plataforma Windows. Os trabalhos aceitos aguardarão oportunidade de publicação e os não aceitos serão devolvidos caso o seu autor tenha remetido selos para postagem.

Fotos devem conter indicação do motivo e nome do autor.

Propaganda e matéria paga devem ser remetidas com 2 meses antes da data pretendida para inserção, reservando-se a revista o direito de rejeitar a publicação sem ter que explicar motivos.

O título Orquidário é de propriedade da OrquidaRIO conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, foto ou desenho sem indicação de reserva de direito autoral (ã), podem ser reproduzidos para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

Correspondência: OrquidaRIO
Rua Visconde de Inhaúma 134/428
20.091-000, Rio de Janeiro, RJ
Tel.:(21) 2233-2314
Fax (21) 2518-6168
email:orquidario@orquidario.org

Diretoria Executiva

Presidente

Maria do Rosário de Almeida Braga

Vice-presidente

Carlos Manuel de Carvalho

Diretores

Técnico - Maria Delfina Araújo

Administrativo Financeiro - Ricardo de F. Filho

Rel. Comunitárias - Lúcia de Mello Provenzano

Comissão de Conservação Eventos

Willian Santiago

Comissão Divulgação

Maria Aparecida L. Loures

Comissão de Exposições

Colette Augusta Billeter de Souza

Lourdes dos Anjos Xantre Costa

Luciano H. M. Ramalho

Alexandre Cruz de Mesquita

Conselho Deliberativo

Presidente

Carlos Eduardo de Britto Pereira

Vogais:

Álvaro Pessoa

Paulo Damaso Peres

Luciano Henrique da Motta Ramalho

Fernando Setembrino

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessoa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Hans Frank - 2001-02

Marlene Paiva Valim - 2003-05

CONTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1ano/1year	2anos/2years	3anos/3years
Sócios Contribuintes	R\$ 90,00	R\$ 170,00	R\$ 250,00
Sócios Correspondentes	R\$ 45,00	R\$ 83,00	R\$ 120,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 60,00	US\$ 90,00	US\$ 130,00
Via Aérea: acrescentar R\$ 30,00/ano - By Air Mail: plus US\$ 20,00/year			

INDICE

Orquidário Volume 21, nº.4

EDITORIAL

Editorial 128

Encyclia santanae Nov. Esp. (ORCHIDACEAE, LAELIINAE) 129

DO MUNICÍPIO DE UNAÍ, MINAS GERAIS

ESTUDOS DO CLUB DA *ENCYCLIA* DE BRASÍLIA - I

Bento Paschoal de Faria, Adilson Klier Peres Junior, Alexandre Dutra de Santana

Encyclia x fabiana UM NOVO HÍBRIDO NATURAL DE *ENCYCLIA* 138

(ORCHIDACEAE, LAELIINAE) NO EXTREMO NOROESTE DE
MINAS GERAIS

ESTUDOS DO CLUB DA *ENCYCLIA* DE BRASÍLIA - II

Alexandre Dutra de Santana, Bento Paschoal de Faria, Adilson Klier Peres Junior

Pleurothallis: Um gênero em revisão 145

Glauco Batalha

Uma Espada de Dois Gumes 150

David Miller

Cattleya percivaliana 'Summit' 154

Carlos Keller



Capa: *Miltonia clowesii* Lindl. é uma espécie da Mata Atlântica, antes frequente em florestas entre 200 e 500m de altitude. Na Reserva Ecológica de Guapiaçú, a floração de março encanta quem visita o Jardim de Orquídeas. Foto: Phil Wittman.

Editorial

Encerra-se com este número mais um volume da revista Orquidário, que este ano voltou a publicar quatro fascículos.

Temos ainda um longo caminho a trilhar no trabalho de divulgação da orquidofilia e orquidologia brasileira. Procuramos publicar artigos de colaboradores sócios ou não, visando assuntos relevantes para os leitores. Nossa revista tem acolhido artigos de divulgação, revisão, notas técnicas, descrição de novas espécies entre outros temas ligados a orquidofilia e orquidologia.

Planejamos para o novo volume expandir nossa revista.

A educação ecológica ligada a conservação de habitats das orquídeas é um tema que procuramos sempre estimular. Trata-se de um tema atual de grande importância e que temos que desenvolver procurando atrair a atenção dos jovens.

Na linha de levantamento florístico nossa sociedade tem ganho um importante papel com o projeto da REGUA que tem sido divulgado em artigos publicados. Esperamos que a divulgação destes trabalhos estimulem outros orquidófilos a fazer trabalhos semelhantes e que venham a divulgar em nossa revista.

Estamos crescendo, e este é um processo demorado, as dificuldades sempre existiram e sempre existirão, mas temos conseguido superá-las com a colaboração de todos.

Boa leitura.....

Carlos Eduardo Martins Carvalho

***Encyclia santanae* Nov. Esp. (ORCHIDACEAE, LAELIINAE) DO
MUNICÍPIO DE UNAÍ, MINAS GERAIS**

ESTUDOS DO CLUB DA *ENCYCLIA* DE BRASÍLIA - I

Bento Paschoal de Faria¹, Adilson Klier Peres Junior²,

Alexandre Dutra de Santana³

1- Email: bento.faria@stj.gov.br, Condomínio Ouro Vermelho, vetor I, quadra 25, casa 08, Lago Sul CEP 71.680-379 – Brasília, DF

2- Email: amoiedfurry@uol.com.br, SHIS, QI 15, chácara 59, Lago Sul 71.600-800 – Brasília, DF

3- Email: utrasantana@hotmail.com, Condomínio Vivendas da Serra, Rua B, casa 2273.070-025 – Sobradinho, DF

***Encyclia santanae* Nov. Esp. (ORCHIDACEAE, LAELIINAE) in the municipality of Unai, MG.**

Abstract: A new species of the genus *Encyclia* Hooker, 1828, found in the northwest region of Minas Gerais state, similar to *Enc. kundergraberii* V. P. Castro and Campacci, 1998, sharing an overall similar appearance, but can be distinguished from that species due to several morphologic characteristics.

Resumo: Uma nova espécie do gênero *Encyclia* Hooker, 1828, muito próxima a *Enc. kundergraberii* V. P. Castro e Campacci, 1998, com a qual se assemelha no aspecto geral, porém dela se distingue por inúmeros caracteres morfológicos, é acrescentada à diversidade da flora orquídea brasileira, detentora de praticamente um terço das formas conhecidas até o presente.

Palavras-chave: Orchidaceae, *Encyclia*, Laeliinae, *Enc. santanae*, Brasil, Minas Gerais, Unai.

INTRODUÇÃO

A despeito de pouco destaque no cenário orquidófilo, o gênero *Encyclia* tem merecido muita atenção dos estudiosos nas duas últimas décadas, tanto que a partir de 1990 cerca de cinquenta novas espécies foram descritas, um terço das aproximadamente 150 bem estabelecidas.

O México e o Brasil, cada um, ainda que não com exclusividade, abrigam quase um terço desse total, porém tem-se que naquele país norte-americano situe-se o centro de dispersão do gênero, dali havendo se irradiado em direção ao Caribe e à América do Sul.

Ainda que relativamente homogêneas, as orquídeas do gênero *Encyclia* atendem a um padrão morfológico mais ou menos constante, o que não raro é complicador para a identificação correta de um indivíduo. Tão ampla distribuição geográfica, associada à diversidade de habitat, promoveu a disseminação de numerosas espécies, muitas variáveis. As dúvidas, em alguns casos, somente cedem depois de acurada análise das peças florais e ao cruzamento de informações relativas à procedência, consideradas ainda, pelo menos, a época de floração, o perfume e a anatomia da planta em geral.

Contudo, com a ágil informação proporcionada pelos meios eletrônicos, para a qual muito contribuem os cultivadores, descobrem-se novidades diuturnamente, suficientes para justificar a suposição de que um número considerável, no Brasil, ainda dependa de descrição formal, assim como algumas sinonímias mereçam investigação mais aprofundada, o que nos permite antever que durante muito tempo haverá novidades relacionadas com o gênero em estudo.

MATERIAL E MÉTODOS

Após a descoberta de populações na localidade mineira, visitadas continuamente nos últimos dois anos, quando se promoveu ao levantamento das orquídeas associadas (A.D.S.), os espécimes recolhidos foram mantidos em cultivo, identificados inicialmente como *Enc. "gonzalezii"* L. C. Menezes, 1991, idéia posteriormente abandonada com base na fotografia do exemplar tipo constante no trabalho de Carl Withner.

Remetidas fotografias e alguns exemplares a Vitorino Paiva de Castro Neto, aquele autor afirmou tratar-se de *Enc. kundergraberii*, espécie que descrevera em co-autoria com Marcos Antônio Campacci em 1998, proveniente do Município de Morro do Chapéu, Estado da Bahia, cerca de 1.000 km a nordeste da cidade de Unai.

Contudo, a descrição do tipo e o exemplar ilustrado por Toscano de Brito e Cribb, que referem uma área de distribuição mais ampla, apresentam sensíveis diferenças, o que fez a definição específica aguardar a acumulação de maiores dados para uma diagnose mais segura.

A aquisição por intermédio dos orquidários comerciais, além de ausente qualquer informação acerca da proveniência geográfica, induz a que *Enc. santanae*, em alguns casos, esteja sendo comercializada como se *Enc. kundergraberii* fosse.

Diante da ausência de exemplares confiáveis para comparação, organizou-se expedição até aquela localidade em dezembro de 2006, porém foi frustrada a tentativa de obtenção de indivíduos provenientes do *locus typicus*, o que somente ocorreu na primavera de 2007, com planta proveniente daquele município bahiano, pertencente a orquidófila residente em Brasília.

Para as medições no hábitat utilizou-se aparelho GPS Garmin Etrex Vista e termo-higrômetro, além da contagem de indivíduos. Para as fotografias, máquinas digitais Fuji Finepix 59100, Olympus X-715 e Sony Cyber-shot, enquanto para a ilustração botânica empregaram-se lentes de aumento simples, lápis, régua, calculadora e caneta de nanquim.

DIAGNOSE LATINA

***Encyclia santanae* B. P. Faria, A. K. Peres Junior & A. D. Santana, esp. nov.**

Herba epiphytica, 70 cm alta, affine Enc. kundergraberii V. P. Castro et Campacci, 1998; floribus mediocribus, numerosis, incurvae, fusciscentes; pseudobulbis pyriformibus, sulcatis, basi rotundi, diphyllis, virides vel intense purpureis, usque 11,5 cm longi 4,5 cm crassi; foliis coriaceis, paulo recurva, lineari-ligulatis, apice acutis, dorso convexis, virides vel intense purpureis, vel 40 cm longae 2 cm largae; scapo elongato, paniculato, laxe pluri-multifloro; bractee brevissimae, vel 7 mm; sepalis dorsualis spathulatis, 16 mm longa 5 mm larga; sepalae laterales concavis; petalis irregulariter lanceolatis, attenuatis ad basin, 15 mm longae 4,5 mm largae; labellum carnosulum, trilobatum, in centro cum callorhomboïdale

concavum, 5 mm longum 2,5 mm largum, lobo laterali semi-falcato, apice rectum, obtusis, inferne columnam amplexantibus, medio reniforme, purpureum margine album, 6 mm longum 7 mm largum; columna breviuscula, subclaviformi, superne vix incurva, apice dilatata et breviter bialata, pallide viridis alis albis, 9 mm longa 4 mm larga; anthera alba apice cum minutissimae excrescentiae; ovarium glaberrimo, 2-2,5 cm longum.

ETIMOLOGIA. O epíteto homenageia o pai do terceiro autor e descobridor (A. D. S.), Coronel da Reserva do Exército Brasileiro Oderito Dutra de Santana.

HOLÓTIPO. Herbário da Universidade de Brasília, n. 76.521. Planta adulta com inflorescência.

PARÁTIPOS. Exemplos pertencentes às coleções particulares dos autores e dos orquidófilos José Serafim Sobrinho e Clarismínio Garcia, todos da mesma procedência. Plantas adultas.

DISTRIBUIÇÃO. Brasil, Minas Gerais, Município de Unaí (fig. 1), de 590 a 615 m de altitude.

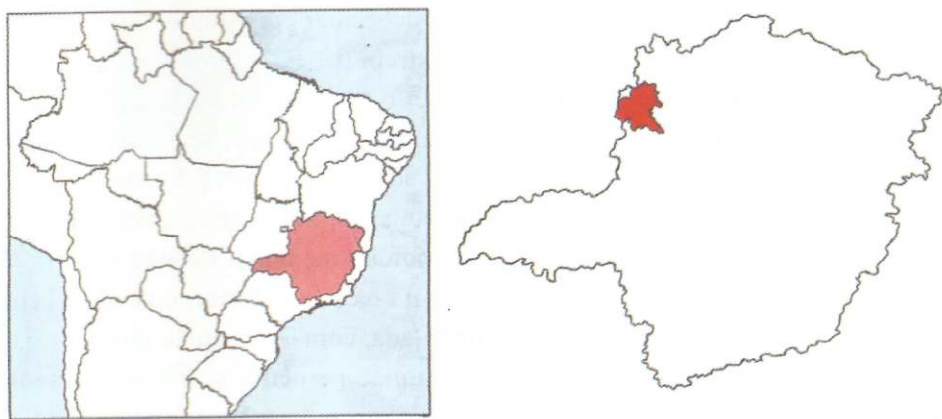


Fig. 1. Mapa de localização da região do Município de Unaí.

HABITAT. Matas de galeria, em depressões para escoamento das águas pluviais, comumente designadas grotas, a cerca de 1 m do chão; epífitas exclusivamente sobre a *Chrysobalanaceae* *Hirtella gracilipes* (Hook. f., 1867) Prance, 1972, vulgarmente conhecida como “bosta de cabra”, característica da vegetação predominante na transição entre o Cerrado e a Caatinga, nos locais onde se concentra maior umidade. Clima com marcada estação seca durante pelo menos quatro meses por ano.

DESCRIÇÃO

Planta epífita, cespitosa, podendo atingir cerca de 70 cm de altura, porte médio para o gênero, apresentando até 17 pseudobulbos ativos. **Rizoma** curto, reptante e lenhoso, encoberto por bainhas basilares. **Raízes** glabras, brancas, flexuosas, com 1,5 mm de diâmetro. **Pseudobulbos** piriformes, agregados ou pouco espaçados, esverdeados a completamente arroxeados, conforme o espécime, enrugados quando adultos, com até 8 cm de altura e 4 cm de diâmetro basal, mas normalmente menores, bifoliados. **Folhas** linear-lanceoladas, coriáceas, acanoadas, com margem lisa, nervura central destacada, verdes a totalmente roxas, podendo apresentar, no primeiro caso, manchas irregulares avermelhadas na face inferior, com até 40 cm de comprimento por 2 cm de largura, mas em geral menores. **Inflorescência** apical, marrom-arroxeadada com minúsculas pontuações esbranquiçadas, inicialmente ereta, depois arqueada, multiflora, raramente racemosa, paniculada a partir do terço médio, com 2 mm de diâmetro e até 67 cm de comprimento, guardada por brácteas amplexicaules esbranquiçadas, espaçadas. Brácteas com até 7 mm de altura por 2 mm de largura. Flores semicerradas com fundo uniformemente verde-amarelado, passando a marrom nas extremidades, interna e externamente, pouco aromáticas, com até 2,5 cm de diâmetro. Sépala dorsal lanceolada, levemente acanoada, simétrica, com 16 mm de comprimento por até 5 mm de largura. **Sépalas laterais** lanceoladas, assimétricas e côncavas, com 15,5 mm de comprimento por até 5 mm de largura. **Pétalas** espatuladas, assimétricas, com 15 mm de comprimento por até 4,5 mm de largura na porção mediana. **Labelo** com 15 mm de comprimento por 12 mm de largura, púrpura na face inferior, com lobo central púrpura com margem branca levemente ondulada, com 7 mm de largura por 6 mm de comprimento. Os lobos laterais direcionam-se perpendicularmente à frente e cobrem a coluna apenas lateralmente, são amarronzados sobre fundo amarelado, cobertos por veias marrons, muito finas. Disco central púrpura com 2,5 mm de largura por 5 mm de comprimento. **Coluna** subclaviforme, branca de base esverdeada, biauriculada, com 9 mm de comprimento por 3 mm de largura máxima. Rostelo semicircular, branco, apiculado lateral e posteriormente. **Antera** branca com sopro rosado, cordiforme, com excrescências suaves. **Polinário** 2 pares de políneas amarelas, com 0,8 mm de comprimento. **Cavidade estigmática** triangular, côncava. **Ovário** liso, verde limão, salvo no terço médio, que é verde intenso, com 2-2,5 cm de comprimento por 2 mm de diâmetro.

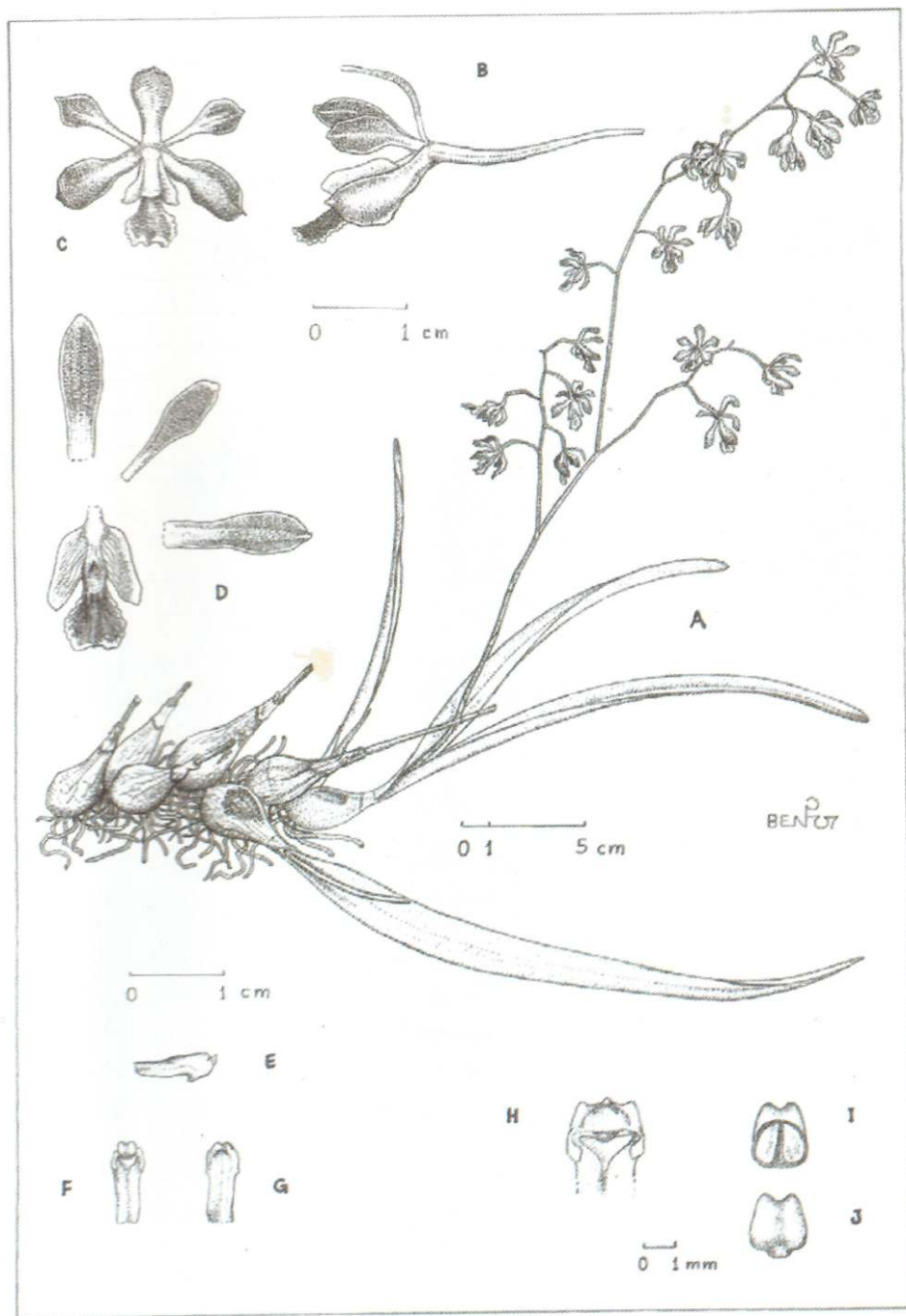


Fig. 2. A) hábito, B) flor e ovário em vista lateral, C) flor em vista frontal, D) flor explanada, E) coluna em vista lateral, F) ventral e G) dorsal, H) detalhe em vista ventral da porção apical da coluna com a antera removida, I) antera em vista posterior e J) frontal.

TABELA 1 - dimensões

medidas das peças (mm)	<i>Encyclia santanae</i>		<i>Encyclia kundergraberii</i> *	
	comprimento	largura/ diâmetro	comprimento	largura/ diâmetro
folha	400	20	260	14+
pseudobulbo	115	45	40	30+
inflorescência	670	2	510+	1,5
sépala dorsal	16	5	16	5
sépala lateral	15,5	5	16	5
pétala	15	4,5	14	4,5+
labelo	15	12	16	13
lobo lateral	7	4	6,9	4,6
lobo mediano	6	7	5,5	6
disco	5	2,5	3,2	2,3
coluna	9	3	8	3
antera	2	1,5	1,8	2,2
ovário	25	2	21+	1,8

* segundo dados fornecidos na descrição ou constatáveis pela ilustração do tipo + medida em exemplar vivo, quando superar a da descrição ou não for fornecida

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Diante da semelhança com *Enc. kundergraberii*, com a qual foi confundida durante algum tempo, oportuno que sejam comparadas também porque ocupam hábitat praticamente idêntico, apesar da distância que as separa.

As proporções de *Enc. santanae* em geral ultrapassam às da espécie bahiana (tabela 1), as mais notáveis relativas ao porte dos pseudobulbos, das folhas e da inflorescência, porém distingue-se mais claramente pelo formato das flores, que não abrem completamente, em contraposição a *Enc. kundergraberii*, que possui segmentos patentes. Também há uma acentuada tendência à formação de panículas no escape floral e à aglomeração das flores, às vezes não ressupinadas, características não observadas na paradigma, além de o número de flores poder alcançar o dobro da contagem da espécie nordestina (oito para Toscano de Brito e Cribb, doze para Castro e Campacci e treze em exemplar vivo por nós estudado).

A destacar ademais no aspecto geral da flor a coloração acentuadamente marrom em *Enc. santanae*, com disco e lobo mediano do labelo púrpuras, este com laterais comumente dobradas, enquanto *Enc. kundergraberii* tem pigmentação esverdeada predominante, com disco e labelo branco, plano, coberto por vênulas vermelhas. Os lobos laterais desta última possuem a base mais angulosa.



Fig. 3. *Encyclia santanae*, à esquerda, e *Enc. kundergraberii*, à direita, em vistas lateral e frontal e flor explanada

Digna de menção ainda a morfologia da coluna, mais grácil em *Enc. santanae* e atarracada em *Enc. kundergraberii*, que possui aurículas proporcionalmente mais largas.

Para concluir, também não há relato da coloração completamente arroxeadas nas folhas de *Enc. kundergraberii*, na qual são mais coriáceas.

Por fim, a flora orquídea presente na região em que ocorre *Enc. santanae* está detalhada na tabela 2.

TABELA 2 flora orquídea associada

espécie	característica	regularidade
<i>Cyrtopodium</i> sp. 1	pseudobulbos enterrados	raro
<i>Cyrtopodium</i> sp. 2	pseudobulbos semi-enterrados	raro
<i>Cyrtopodium</i> sp. 3	pseudobulbos enterrados	raro
<i>Cyrtopodium saintlegerianum</i> Reichenbach f.		raríssimo
<i>Habenaria</i> sp.		rara
<i>Sarcoglottis</i> sp. 1		comum
<i>Sarcoglottis</i> sp. 2		comum
<i>Oeceoclades maculata</i> (Lindley) Lindley		comum
<i>Vanilla chamissonis</i> Klotzsch		comum
<i>Bulbophyllum insectiferum</i> Barbosa Rodrigues,		raro
<i>Bulbophyllum ciluliae</i> Bianchetti e Batista		raro
<i>Scaphyglottis sessilis</i> (Reichenbach f.) Foldats,		abundante
<i>Alatiglossum macropetalum</i> (Lindley) Baptista		raríssimo
<i>Cohniella cebolleta</i> (Jacquin) Christenson		abundante
<i>Lophiaris pumila</i> (Lindley) Braem		raríssima
<i>Acianthera aveniformis</i> (Hoehne) Gonçalves e Waechter,		abundante
<i>Polystachya cf. foliosa</i> (Hooker) Reichenbach f.		abundante
<i>Campylocentrum</i> sp.		comum
<i>Lockhartia lunifera</i> (Lindley) Reichenbach f.		rara

AGRADECIMENTOS

A Jeová Batista dos Reis, guia e atencioso caseiro, que tornou a estada rural ainda mais prazerosa do que a própria pesquisa por si só poderia proporcionar; a Vitorino de Paiva Castro Neto, sempre disponível para dividir seu conhecimento; a Manoel Cláudio da Silva Junior, professor do Departamento de Engenharia Florestal da UnB, e a Tércio L. B. de Paula, que proveram a identificação da flora não-orquídea associada; a Maria Josemília de Carvalho Miranda, funcionária do Herbário da Universidade de Brasília, pela atenção e paciência demonstradas, e a Airton Coelho da Silva, que realizou o escaneamento das ilustrações e fotografias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, V. P. e CAMPACCI, M. A. Icones Orchidacearum Brasilienses I. Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil, Porto Ferreira, SP, 2001, 100 pp.

DRESSLER, Robert. L. Phylogeny and Classification of the Orchid Family. Dioscorides Press, Portland, Oregon, USA, 1993, 314 pp.

MISSOURI BOTANICAL GARDEN. Sítio na "Internet". W3Tropicos Database. www.mobot.org

PFAHL, J. Internet Orchid Species Photo Encyclopedia. Sítio na "Internet". www.orchidspecies.com

PROJETO ORCHIDSTUDIUM. Preliminary checklist of the Orchidaceae of Brazil. Sítio na "Internet". www.orchidstudium.com

TOSCANO DE BRITO, A. L. V. e CRIBB, P. Orquídeas da Chapada Diamantina. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2005, 400 pp.

WITHNER, C. L., The Cattleyas and their relatives. Vol. VI. The South American Encycilia Species. Portland, Oregon, USA, Timber Press, 2000, 194 pp.



Futuro Fértil

Distribuidora dos Fertilizantes

Plant-Prod

- SEMENTES
- FERTILIZANTES
- HERBICIDAS
- INSETICIDAS
- TUBOS • ARAMES

**Linha orgânica,
Linha de irrigação,
Substratos etc...**

ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br

***Encyclia x fabianae* UM NOVO HÍBRIDO NATURAL DE *ENCYCLIA* (ORCHIDACEAE, LAELIINAE) NO EXTREMO NOROESTE DE MINAS GERAIS
ESTUDOS DO CLUB DA *ENCYCLIA* DE BRASÍLIA - II**

Alexandre Dutra de Santana¹Bento Paschoal de Faria²Adilson Klier Peres Junior³

1- Email: utrasantana@hotmail.com, Condomínio Vivendas da Serra, Rua B, casa 22 - 73.070-025 – Sobradinho, DF

2- Email: bento.faria@stj.gov.br, Condomínio Ouro Vermelho, vetor I, quadra 25, casa 08, Lago Sul CEP 71.680-379 – Brasília, DF

3- Email: amoiedfurry@uol.com.br, SHIS, QI 15, chácara 59, Lago Sul - 71.600-800 – Brasília, DF

Encyclia x fabianae* a new natural hybrid of *Encyclia

Abstract: A new natural hybrid of the genus *Encyclia*, and the fourth formally described in Brazilian territory, is being established based on individuals found in habitats around the city of Unaí, MG, growing either with one or both parents, which allowed a precise identification and confirmation of the natural cross, other than its easily recognizable intermediary characteristics.

Resumo: Um novo híbrido natural do gênero *Encyclia* o quarto formalmente descrito para o território brasileiro, é estabelecido com base em exemplares provenientes do Município de Unaí, MG, em assembléia com um ou com ambos os progenitores, o que permitiu a confirmação quanto ao cruzamento, elevada ao nível de certeza diante das diversas características intermediárias.

Palavras-chave: Orchidaceae, *Encyclia*, Laeliinae, *Enc. x fabianae*, *Enc. flava*, *Enc. santanae*, Brasil, Minas Gerais, Unaí.

INTRODUÇÃO

Diferentemente de *Cattleya*, Lindley, 1821, que conta com pelo menos 55 híbridos naturais intra-específicos e outros 42 intergenéricos, número superior ao de espécies do próprio gênero, em *Encyclia*, não obstante apresentar mais que o triplo de espécies (150 aproximadamente), tal fenômeno não é observado com frequência.

Devem-se atribuir as exíguas descrições à difícil distinção entre as espécies, à dificuldade de acesso aos tipos das previamente descritas, à parca e confusa literatura, inclusive a eletrônica, ao reduzido conhecimento sobre sua distribuição e ao relativamente pouco interesse que desperta no meio orquidófilo, que em geral apresenta-se seletivo quanto a orquídeas mais vistosas e comercialmente rentáveis.

Estudos adicionais permitirão maior compreensão das relações intra-específicas, assim como poderão determinar com mais detalhamento áreas de superposição de espécies que florescem simultaneamente, propícias à formação de híbridos naturais.

A Tabela I demonstra as circunstâncias acima, compreendendo as quinze entidades que se tem registro, das quais quase a metade encontra-se nas Bahamas, abundância devida, provavelmente, à coexistência de diversas espécies em ambientes insulares de reduzidas proporções geográficas.

TABELA I

híbrido	autor(es)	genitoras	procedência
<i>Enc. x bajamarensis</i>	Sauleda e Adams	<i>Enc. gracilis</i> x <i>Enc. rufa</i>	Bahamas
<i>Enc. x guzinskii</i>	Sauleda e Adams	<i>Enc. altissima</i> x <i>Enc. plicata</i>	Bahamas
<i>Enc. x hillyerorum</i>	Sauleda e Adams	<i>Enc. fehlingii</i> x <i>Enc. fucata</i> (	Bahamas
<i>Enc. x knowlesii</i>	Sauleda e Adams	<i>Enc. fehlingii</i> x <i>Enc. plicata</i>	Bahamas
<i>Enc. x lleidae</i>	Sauleda e Adams	<i>Enc. gracilis</i> x <i>Enc. plicata</i>	Bahamas
<i>Enc. x lucayana</i>	Sauleda e Adams	<i>Enc. fehlingii</i> x <i>Enc. gracilis</i>	Bahamas
<i>Enc. x raganii</i>	Sauleda e Adams	<i>Enc. altissima</i> x <i>Enc. gracilis</i>	Bahamas
<i>Enc. x perplexa</i>	(Ames, Hubbard e Schweinfurth,) Hoehne	<i>Enc. candollei</i> x <i>Enc. bractescens</i>	México e Belize
<i>Enc. x adenopterocarpa</i> f		<i>Enc. adenocarpon</i> x <i>Enc. pterocarpa</i>	México
<i>Enc. x nizandensis</i>	Pérez-García e Hágsater	<i>Enc. adenocarpon</i> x <i>Enc. parviflora</i>	México
<i>Enc. x Hoffmanncyclia intermedia</i>	(Miranda) Chiron e V. P. Castro	<i>Hoffmannseggella rupestris</i> x <i>Enc. seidelii</i>	Minas Gerais, Brasil
<i>Enc. x alcardoi</i>	V. P. Castro e Chiron	<i>Enc. ?argentinensis</i> x <i>Enc. flava</i>	Tocantins, Brasil
<i>Enc. x verboonenii</i>	V. P. Castro e Campacci	<i>Enc. osmantha</i> x <i>Enc. argentinensis</i>	Minas Gerais, Brasil
<i>Enc. x hibr.</i>		<i>Enc. dichroma</i> x <i>Enc. aff. alboxanthina</i>	Sergipe, Brasil
<i>Enc. lutzenbergeriif</i> var. <i>majus</i>	L. C. Menezes,	<i>Enc. dichroma</i> e <i>Enc. advena</i>	Bahia, Brasil

Somam-se outras três no México e em Belize, uma ainda informal, *Enc. x "adenopterocarpa"*, e *Enc. x nizandensis* Pérez-García e Hágsater, 2003, à qual se atribui, juntamente com outras entidades semelhantes dali originárias, tal qual a *Laelia x eyermaniana* Reichenbach f., 1888 (*L. speciosa* [Kunth, 1816] Schlechter, 1914 x *L. albida* Bateman ex Lindley, 1839), o conceito de espécie de origem híbrida.

No Brasil, cinco mais são mencionadas na literatura, entre elas o único híbrido intergenérico conhecido, *x Hoffmanncyclia intermedia* (Miranda, 1991) Chiron e V. P. Castro, 2002, além de *Enc. x alcardoi* V. P. Castro e Chiron, 2002, de Tocantins, *Enc. x verboonenii* V. P. Castro e Campacci, 2001, da região de Juiz de Fora, MG; um híbrido entre *Enc. dichroma* (Lindley, 1853) Schlechter, 1914 x *Enc. aff. albo-*

xanthina Fowlie, 1990, referido para a Serra da Itabaiana, SE (Bohnke e Oliveira, 2005); o provável híbrido entre *Enc. dichroma* e *Enc. advena* (Reichenbach f., 1872) Porto e Brade, 1935, das cercanias de Vitória da Conquista, BA, descrito originalmente como *Enc. "lutzenbergerii"* var. *majus* L. C. Menezes, 1991, e o objeto do presente estudo, resultado do cruzamento entre *Encyclia santanae* Faria, Peres Junior e Santana, 2008, e *Encyclia flava* (Lindley, 1841) Porto e Brade, 1935.

MATERIAL E MÉTODOS

Os espécimes foram colhidos no hábitat e mantidos em cultivo até que se obtivessem dados confiáveis acerca de sua identificação, principalmente a exata classificação do segundo ascendente, eis que quanto a *Enc. flava* não havia dúvidas. Superada a controvérsia a respeito de não se cuidar, primeiro, de *Enc. "gonzalezii"* L. C. Menezes, 1991, e depois de *Enc. kundergraberii* V. P. Castro e Campacci, 1998, concluiu-se pela descrição de nova espécie, no trabalho antecedente, em que foi denominada *Enc. santanae* Faria, Peres Junior e Santana, 2008.

Realizaram-se diversas expedições ao local, em diferentes épocas do ano, com levantamento das espécies de orquídeas simpátricas (A.D.S.), bem como medições com auxílio de aparelho GPS Garmin Etrex Vista e termo-higrômetro e contagem de indivíduos. Para as fotografias utilizaram-se máquinas digitais Fuji Finepix 59100, Olympus X-715 e Sony Cyber-shot, enquanto para a ilustração botânica, lentes de aumento simples, lápis, régua, calculadora e caneta de nanquim.

A nomenclatura observa os critérios taxonômicos de V. P. Castro e M. A. Campacci e C. Withner, nesta ordem quando em confronto.

DIAGNOSE LATINA

***Encyclia x fabianae* A. D. Santana, B. P. Faria & A. K. Peres Junior híbr. nat. nov.**
Herba epiphytica et hybrida naturalis inter Encyclia santanae Faria, Peres Junior et Santana et Enc. flava (Lindley) Porto et Brade; 60 cm alta, floribus medis inter haec species, laeviter suaveolentes, mediocribus, numerosis, flavo-virides; pseudobulbis longè ovalibus, sulcatis, basi rotundi, mono-diphyllis, virides vel intense purpureis, usque 5 cm longi 2 cm crassi; foliis coriaceis et rigidiusculis, erectis, linearibus, apice acutis, dorso convexis, atroviridis, vel 39 cm longae 1,5 cm largae; scapo elongato, tenuiter paniculato, laxe pluri-multifloro; bractee brevissimae, 6 mm; sepalis dorsualis spathulatis, 14 mm longa 4 mm larga; sepalae laterales paulo concavis; petalis irregulariter lanceolatis, attenuatis ad basin, 14 mm longae 4 mm largae; labellum carnosulum, trilobatum, in centro cum callorhomboïdale côncavum, 8 mm longum 6 mm largum, lobo laterali semi-falcato, apice subrevoluto, obtusis, inferne columnam amplexantibus, medio reniforme, multinervulosum, album, rubro-striatum, cum marginibus crispis; columna breviuscula, subclaviformi, superne vix incurva, apice dilatata et breviter bialata, pallide viridis alis albis, 7,5 mm longa 3 mm larga; anthera apice cum minutissimae excrescentiae purpureis; ovarium glaberrimo, 2-2,5 cm longum.

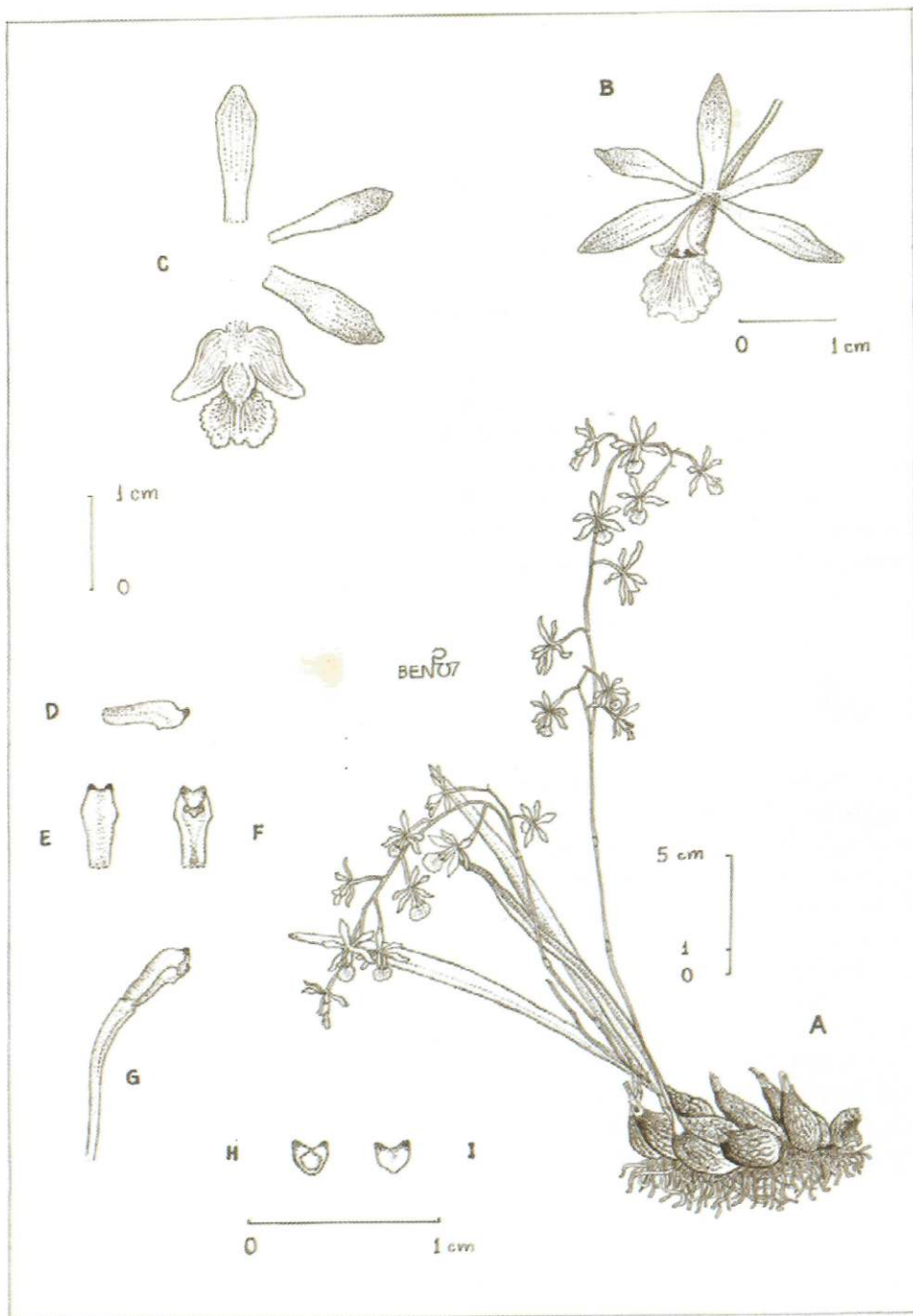


Fig. 1. A) hábito, B) flor, C) flor explanada, D) coluna em vista lateral, E) dorsal e F) ventral, G) coluna e ovário em vista perpendicular inferior, H) antera em vista posterior e I) frontal.

ETIMOLOGIA. O epíteto homenageia a esposa do primeiro autor e descobridor (A. D. S.), Sra. Fabiana Cristina Sotério Di Oliveira.

HOLÓTIPO. Herbário da Universidade de Brasília, n. 17.788. Planta adulta com inflorescência.

PARÁTIPOS. Nove exemplares pertencentes às coleções particulares dos autores e dos orquidófilos José Serafim Sobrinho e Clarismínio Garcia, todos da mesma procedência. Plantas adultas.

DISTRIBUIÇÃO. Brasil, Minas Gerais, Município de Unaí, a 614 m de altitude (fig. 1).

HABITAT. Matas de galeria, em depressões para escoamento das águas pluviais, comumente designadas grotas, a cerca de 1 m do chão; epífitas exclusivamente sobre a Chrysobalanaceae *Hirtella gracilipes* (Hook. f., 1867) Prance, 1972, ordinariamente conhecida como “bosta de cabra”, característica da vegetação predominante na transição entre o Cerrado e a Caatinga, nos locais onde se concentra maior umidade. Clima com marcada estação seca durante pelo menos quatro meses por ano.

FLORAÇÃO. De setembro a novembro, primavera brasileira.

DESCRIÇÃO

Planta epífita, cespitosa, podendo atingir cerca de 60 cm de altura, porte médio para o gênero, apresentando até 24 pseudobulbos ativos. **Rizoma** curto, rep-tante e lenhoso, encoberto por bainhas basilares. **Raízes** glabras, brancas, flexuosas, com 1,5 mm de diâmetro. **Pseudobulbos** piriformes, verde-amarronzados a completamente arroxeados, conforme o espécime, enrugados quando adultos, com até 5 cm de altura e 2 cm de diâmetro basal, mas normalmente menores, uni ou bifoliados. **Folhas** linear-lanceoladas, coriáceas, acanoadas, com margem lisa, nervura central destacada, verdes, podendo apresentar manchas irregulares avermelhadas na face inferior, com até 39 cm de comprimento por 1,5 cm de largura, mas em geral menores. **Inflorescência** apical, marrom-arroxeadada com minúsculas pontuações esbranquiçadas, inicialmente ereta, depois arqueada, multiflora, paniculada a partir do terço médio, com 2 mm de diâmetro e até 54 cm de comprimento e 23 flores nos últimos 2/3, na contagem máxima observada; na base levemente flexuosa e guarnecida por pequena espata e por brácteas amplexicaules esbranquiçadas, aí muito próximas entre si. Foram observadas no hábitat até seis cápsulas simultâneas em formação. **Brácteas** com até 6 mm de altura por 2 mm de largura. **Flores** com fundo uniformemente verde-pálido, passando a ocre nas extremidades, interna e externamente, levemente reticuladas, medianamente aromáticas, com perfume de lavanda, e até 2,5 cm de diâmetro. Secretam substância adocicada e pegajosa. **Sépala dorsal** lanceolada, levemente acanoada, simétrica, com 14 mm de comprimento por 4 mm de largura. **Sépalas laterais** lanceoladas, algo assimétricas e côncavas, com 14 mm de comprimento por 4 mm de largura máxima. **Pétalas** lanceoladas, assimétricas,

com 13 mm de comprimento por 3,5 mm de largura na porção distal. **Labelo** branco, especialmente em sua face inferior, com lobo central coberto por linhas púrpuras descontínuas, variando de intensidade conforme o indivíduo, emprestando aspecto geral esbranquiçado, rosado ou avermelhado, com 8 mm de largura por 6 mm de comprimento, medianamente franjado ou crispado. Os lobos laterais direcionam-se à frente perpendicularmente e cobrem praticamente toda a coluna, salvo a porção distal, são esverdeados sobre fundo amarelado, com coloração mais pronunciada nas extremidades, cobertos por veias marrons, muito finas. Disco central com 3 mm de largura por 4 mm de comprimento. **Coluna** subclaviforme, branca com base esverdeada, biauriculada, ligeiramente sigmóide, com 7,5 mm de comprimento por 3 mm de largura máxima. Rostelo subquadrático, branco, apiculado lateralmente. **Antera** rosada, cordiforme, com excrescências purpúreas. **Polinário** 2 pares de políneas amarelas, com 0,8 mm de comprimento. **Cavidade estigmática** triangular, côncava. **Ovário** verde limão na metade inferior, passando a verde intenso na porção distal, com 2-2,5 cm de comprimento por 1,5 mm de diâmetro.



Fig. 2. *Encyclia flava*, à esquerda, *Enc. x fabianae*, ao centro, e *Enc. santanae*, à direita, em vista frontal.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Diante das diversas características intermediárias entre os ascendentes, *Encyclia santanae* Faria, Peres Junior e Santana e *Enc. flava* (Lindley) Porto e Brade, tornou-se indubitável a condição de híbrido natural. Tanto *Enc. x fabianae* como os progenitores ocorrem e florescem simultaneamente no hábitat pesquisado, bem como é possível encontrar o cruzamento em companhia de apenas uma delas em

locais próximos. *Encyclia santanae* inicia a floração em setembro, com pico em outubro e finda em novembro, enquanto *Enc. flava* pode ser encontrada florida a partir de outubro, com concentração em novembro.

Além de as três entidades serem as únicas do gênero que ocorrem na região, são visíveis as características herdadas de um e outro ascendentes (fig. 3). Os principais legados de *Encyclia flava*, facilmente identificáveis, são o aspecto geral de planta e da flor, o perfume, porém com aroma atenuado, as folhas muito estreitas e coriáceas, a coloração amarelada de fundo das flores, o labelo franjado e o polinário com excrescências escurecidas e proeminentes. De *Enc. santanae* identificam-se a coloração amarronzada do ápice das peças florais, o labelo com venações púrpuras distribuídas pela superfície do lobo mediano e a floração prematuramente primaveril.

AGRADECIMENTOS

A Jeová Batista dos Reis, guia e atencioso caseiro, que tornou a estada rural ainda mais prazerosa do que a própria pesquisa por si só poderia proporcionar; a Vitorino de Paiva Castro Neto, que confirmou a natureza e o ineditismo do híbrido; a Manoel Cláudio da Silva Junior, professor do Departamento de Engenharia Florestal da UnB e a Tércio L. B. de Paula, que proveram a identificação da flora não-orquidácea associada; a Francisco de Assis Costa, autor da fotografia que ilustra a presente descrição, a Maria Josemília de Carvalho Miranda, funcionária do Herbário da Universidade de Brasília, pela atenção e paciência demonstradas, e a Airton Coelho da Silva, que realizou o escaneamento das ilustrações e fotografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOHNKE, E. e OLIVEIRA, S. M., *Encyclia ghillanyi* Pabst e sua irmã, a *Encyclia dichroma* (Lindl.) Schltr., Boletim CAOB, Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil, n. 57, pp. 14-17, Taubaté, SP, 2005.

CAMPACCI, M. A. x *Encylaelia intermedia* ou x *Hoffmannencyclia intermedia*. Orquidário, vol. 16, n. 4, pp. 126-127, Orquidário, Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C., Rio de Janeiro, 2001.

CASTRO, V. P. e CAMPACCI, M. A. Icones Orchidacearum Brasilienses I. Coordenadoria das Associações Orquidófilas do Brasil, Porto Ferreira, SP, 2001, 100 pp.

CASTRO, V. P. e CAMPACCI, M. A. Um híbrido natural novo para a Flora Brasileira. Orquidário, vol. 15, n. 1, pp. 18-20, Orquidário, Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C., Rio de Janeiro, 2002.

DRESSLER, Robert. L. Phylogeny and Classification of the Orchid Family. Dioscorides Press, Portland, Oregon, USA, 1993, 314 pp.

MISSOURI BOTANICAL GARDEN. Sítio na "Internet". W3Tropicos Database. www.mobot.org

PFAHL, J. Internet Orchid Species Photo Encyclopedia. Sítio na "Internet". www.orchidspecies.com

WITHNER, C. L., The Cattleyas and their relatives. Vol. IV. The Bahamian and Caribbean Species, Portland, Oregon, USA, Timber Press, 1996, 152 pp.

WITHNER, C. L., The Cattleyas and their relatives. Vol. V. *Brassavola*, *Encyclia*, and Other Genera of México and Central America. Portland, Oregon, USA, Timber Press, 1998, 198 pp.

WITHNER, C. L., The Cattleyas and their relatives. Vol. VI. The South American *Encyclia* Species. Portland, Oregon, USA, Timber Press, 2000, 194 pp.

***Pleurothallis*: a genus under revision.**

Abstract: The neo-tropical genus *Pleurothallis* was established by R. Brown in 1813 and, as early as 1859, J. Lindley wrote about the necessity of dividing the genus. One recently published broad taxonomic review suggests that the almost two thousand species should be divided into many new genera and sub-genera. The new classification is apparently agreeing with phylogenetic studies in the group. Nevertheless, at present, the practical result of those nomenclatural changes are still causing a lot of confusion. Some Brazilian species, previously belonging to *Pleurothallis*, now have more than one name in the literature.

Resumo: O gênero neo-tropical *Pleurothallis* foi criado por R. Brown em 1813 e, já em 1859, J. Lindley escrevia sobre a necessidade de dividi-lo. Uma grande revisão taxonômica recentemente publicada propôs a divisão das quase duas mil espécies em diversos novos gêneros e sub-gêneros e esta divisão parece estar de acordo com estudos filogenéticos feitos no grupo. No entanto, no momento, o resultado prático destas mudanças nomenclaturais ainda causa algumas complicações. Algumas espécies brasileiras, antes pertencentes ao gênero *Pleurothallis*, atualmente apresentam mais de um nome na literatura.

O gênero *Pleurothallis* é grande e complexo, embora atualmente venha despertando o interesse dos orquidófilos. Pelo tamanho de suas flores é considerado como microorquídea, sendo que este não é um critério taxonômico, mas sim horticultural. As plantas cujas flores meçam entre 5 a 10 mm pertencem a esta categoria. No geral, suas flores são de interesse apenas botânico, ou seja, são consideradas pouco ornamentais. Particularmente gosto de duas espécies nativas da Mata Atlântica, que são *Pleurothallis carinifera* e *Pleurothallis pterophora*, as quais ilustram a matéria, por gentileza especial do fotógrafo Du Zuppani. O gênero *Pleurothallis* foi criado pelo botânico escocês Robert Brown, no Aiton. Hoert. Kew. Ed.2, 5:211, 1813, baseado no typo *Epidendrum ruscifolium* Jac., Enun. Pl. Carib. 29. 1760, com *Pleurothallis ruscifolia*. Foi criado para ser monoespecífico, todavia, atualmente deve haver aproximadamente duas mil espécies. Todas ocorrentes, exclusivamente, nas Américas. A estimativa para o Brasil é de que existam algo em torno de quinhentas espécies. É bem possível que mesmo agora, à época desta publicação, existam plantas novas para a Ciência, depositadas em instituições de pesquisas, inclusive no Brasil, aguardando classificação taxonômica, descrição ou diagnose. Em 1859, menos de 50 anos após a criação do gênero, Lindley observou a necessidade de sua divisão. Mas, também observou que isso seria tarefa futura, porquanto havia pouca informação disponível à sua época para fazê-lo. G. F. J. Pabst e F. Dungs, no vol. I da Orchidaceae Brasilienses, valendo-se dos critérios de classificação taxonômica de sua época, apresentaram o gênero com subdivisões infragenéricas, dividindo-o em

15 seções e várias alianças, visando acomodar a grande diversidade de taxóons ocorrentes. Com o avanço dos estudos, as seções propostas por Pabst e Dungs poderiam ser elevados para níveis de sub-gêneros ou gêneros novos, mantendo-se o epíteto original, como recomenda o art. 21.B.3. do Código Internacional de Nomenclatura Botânica. Creio que com isso teríamos um tratamento mais adequado para as espécies ocorrentes em nosso território ou, ainda, comuns aos nossos vizinhos. Além disso, haveria o encadeamento cronológico do labor científico de vários cientistas brasileiros, entre eles Barbosa Rodrigues, F. C. Hoehne e outros, assim como dos estrangeiros que estudaram nossa Flora, como A. Cogniaux, R. Schlechter, Alexander Brade e tantos outros. O trabalho de Pabst e Dungs, entretanto, não teve seguimento. Quem retomou o estudo e propôs a divisão do gênero *Pleurothallis* foi Carl Luer, do Jardim Botânico de Missouri, EUA, que iniciou o Ícones *Pleurothallidinarum* em 1986.



Pleurothallis pterophora

Luer escolheu, basicamente, dois elementos morfológicos no início de sua monografia para propor a divisão do gênero, quais sejam: a) a posição da antera em relação à coluna e b) a existência ou não de calosidade no ramicaule (equivalente ao pseudobulbo das orquídeas grandes). E com isso apresenta um eixo cartesiano com três dimensões nomeando-os sucessivamente de *Acianthera*, *Specklinia* e *Pleurothallis*, acomodando vinte e nove subgêneros e vinte e duas seções.

Vale observar que Luer inclui nesse diagrama os possíveis parentescos com outros gêneros já conhecidos, como *Stelis*, *Masdevallia*, *Barbosella*, *Dryadella* e outros, assim como cria novos subgêneros, tais como *Fronitaria*, *Trichosalpinx*, *Xenion* e outros.

A crítica que se faz ao trabalho do Professor Luer é no sentido de que foram poucos os elementos morfológicos escolhidos para a proposta de divisão do gênero. Mas, há de se reconhecer que a Ciência, em geral, dá ao pesquisador esta autonomia de análise. Atualmente, as informações de que dispomos (sempre escassas e descontínuas) são de que Luer está de acordo com os estudos em filogenética, apresentados por Alec M. Pridgeon e Mark W. Chase.

Na taxonomia moderna, o conceito de gênero está atrelado à teoria de evolução e, daí, a denominação filogenética, onde o gênero deve refletir sua descendência evolutiva., chamando-a de corte analítico.



Pleurothallis carinifera

Se imaginarmos uma “árvore genealógica” que mostra como as espécies desenvolveram-se e ramificaram-se uns dos outros após milênios, existe a autonomia para decidir até aonde os ramos do gênero possa ir, mas não há a liberdade de formar um gênero com alguns pequenos ramos de um ramo, alguns de outro ramo, e alguns mais de outro ramo. Uma solução dessa leva o nome de gênero polifilético, o qual não é aceito.

O gênero para ser considerado bom deve ser monofilético, ou seja, pode-se decidir até que ponto da árvore o gênero vai e, a partir disso, deve-se incluir tudo que descende daquele ramo e nada mais. Dessa maneira o gênero refletirá a história evolutiva. Esta é uma das metas e um princípio da taxonomia moderna.

Com base em análise do DNA do gênero *Pleurothallis* e dos gêneros próximos, Pridgeon e Chase, em resumo, apresentaram as seguintes conclusões: 1) a elevação do subgênero *Acianthera* para gênero; 2) o ressurgimento do gênero *Anathallis*; 3) a transferência do subgênero *Aenigma* para *Andinia*; 4) a adoção de três novos gêneros, *Anthereon*, *Diodonopsis* e *Echinella*; 5) a redefinição e extensão dos gêneros *Pholoeophila*, *Pleurothallis* e *Stelis*; 6) o ressurgimento e redefinição do gênero *Specklinia*; 7) a criação de sinônimos para *Acostaea*, *Apatostelis*, *Barbrodia*, *Condylago*, *Jostia*, *Luerella*, *Ophidion*, *Restrepiopsis* e *Salpistele* com outros gêneros, e 8) a inclusão de *Dilomilis*, *Neocogniauxia* e *Tonzanonia* (*Dilomilidinae*) em *Pleurothallidinae*.

O trabalho de Pridgeon e Chase também vem sendo criticado, sob o argumento de que seria necessário incluir um número maior de espécies na análise de DNA para produzir uma reclassificação definitiva do gênero *Pleurothallis*. Há um artigo bastante interessante sobre o tema, de Lou Jost que pode ser acessado em www.loujost.com - ícone Botanical Articles.

Aqui no Brasil o Professor Fábio de Barros, do Instituto de Botânica de São Paulo, vem se dedicando ao estudo da filogenia, podendo ser consultado o resultado de seus trabalhos na Orchid News Letters e nos boletins do Herbarium Bradeanum. Eduardo Leite Borba da Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Rodovia BR 116, Km 03, em artigo Novas Combinações em *Acianthera* (*Pleurothallis* Sl.; Orchidaceae: *Pleurothallidinae*) Ocorrentes nos Campos Rupestres Brasileiros propõe a revisão de um pequeno grupo de *Pleurothallis* rupestres ocorrentes entre Minas Gerais de Bahia. O artigo está no site: www.uefs.br/dcbio/revistabiologia/vol3_02_22_25.pdf

A questão ao meu ver, não está no método utilizado para a reclassificação do gênero e de suas alianças, mas no resultado prático de sua aplicação. Seria exaustivo apontar espécie por espécie de *Pleurothallis* que estão com duas ou mais classificações atualmente, além de fora de propósito para a extensão deste ensaio.

Fiquemos, portanto, com dois exemplos. O primeiro: *Pleurothallis adenochila* Loefgr. – Em Orchid News Letter, n.º 45, consta a passagem para *Anathallis adenochila* (Loefgr.) F.Barros in *Hoehnea* 30(3): 187. 2003 [30 Dec. 2003]: *Pleurothallis adenochila*.

Já em Orchid News Letter, n.º 46, p. 35, consta a passagem da mesma planta

para *Specklinia adenochila* (Loefgr.) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 95: 258. 2004 [Feb 2004]; *Icon. Pleurothall.* 26: 258. Feb. 2004.

Verifica-se que existem duas reclassificações de uma mesma espécie para dois gêneros distintos.

Outro exemplo, para *Pleurothallis hygrophila* Barb. Rodr. em Orchid News Letter, n.º 40, p. 5, temos a seguinte nomenclatura: *Acianthera hygrophila* (Barb. Rodr.) Pridgeon & M.W.Chase in *Lindleyana* 16(4): 244 (2001): *Pleurothallis hygrophila*.

Já em Orchid News Letter, n.º 40, p.33, consta a seguinte nomenclatura: *Stelis hygrophila* (Barb.Rodr.) Pridgeon & M.W.Chase in *Lindleyana* 16(4): 263 (2001): *Pleurothallis hygrophila*.

E, por fim, Orchid News Letter, n.º 46, p. 41, dá a passagem para *Specklinia hygrophila* (Barb.Rodr.) Luer, Monogr. Syst. Bot. Missouri Bot. Gard. 95: 261. 2004 [Feb 2004]; *Icon. Pleurothall.* 26: 261. Feb 2004: *Pleurothallis hygrophila*; isonym of *Specklinia hygrophila* (Barb.Rodr.) F.Barros (1984).

No caso, temos uma planta que passou a pertencer a três gêneros distintos.

Sob o aspecto taxonômico tal situação não pode ser aceita, mesmo porque o preâmbulo do Código Internacional de Nomenclatura Botânica recomenda que toda classificação que gere confusão deve ser evitada.

Ao que parece não possuímos informações suficientes para a almejada divisão do gênero *Pleurothallis* e creio que a solução, até que ela surja, é manter a nomenclatura atual. Ou seja, gênero *Pleurothallis*.



ORQUIDÁRIO TRAVIÚ PENEDO
PRODUÇÃO PRÓPRIA EM PENEDO-RJ
HORST E IELEM HOLLAND

ESTRADA RESENDE - MAUA - PENEDO SHOPPING - LOJA 34
CEP-27580.000 - HORSTPENEDO@IG.COM.BR
TEL.(24) 3351 1081

David Miller

david.izabel@gmail.com

A Two Edged Sword. Abstract: Mimicry is a frequent phenomenon among animals and sometimes it can also be observed in plants. In general its function is for the organism to avoid predation. Nevertheless, in the case of *Laelia virens*, the story may be different. The species is little coveted for horticulture, but is registered as endangered in the Atlantic Rainforest. It is possible that its close vegetative resemblance to *Laelia crispa* has been the reason for its “predation” by orchid collectors.

Resumo: O mimetismo é um fenômeno frequente entre os animais e às vezes pode ser observado também nas plantas. De maneira geral, sua função é evitar que o organismo seja predado. Mas talvez, no caso de *Laelia virens*, a história seja diferente. Trata-se de uma espécie pouco cobiçada, que está registrada como em extinção na Mata Atlântica. É possível que sua grande semelhança vegetativa com *Laelia crispa* tenha sido o motivo de sua “predação” por coletores de orquídeas.

Em muitas plantas, insetos, anfíbios *et al.* o mimetismo é relativamente comum como um mecanismo de defesa contra possíveis predadores. Talvez os exemplos mais conhecidos são encontrados em alguns lepidópteros (a família das borboletas) que voam à noite e que tem as asas fechadas em repouso durante o dia, lembrando exatamente a casca da árvore na qual elas descansam. Algumas espécies de lagartos mostram as mesmas marcas de cobras venenosas nas suas costas para deixar os possíveis predadores longe, enquanto outros podem mudar a cor da sua pele para camuflarem com o ambiente onde eles estão se alimentando ou descansando.

Os bichos-paus realmente se parecem com galhos indigestos quando em descanso. De outra maneira, um pequeno sapo que se mexe vagarosamente e é sempre encontrado em trilhas nas nossas florestas de altitude em situações bastante visíveis, usam cores laranjas fortes para espantarem para longe os predadores em potencial. Duas espécies de orquídeas bem familiares para nós tem táticas de defesa / proteção bem sofisticadas. A terrestre *Mesandenella cuspidata* mostra folhas verde escuro salpicada de pequenas manchas brancas. Nos ensinaram que, para os cavalos e vacas, estas manchas representam “BIRD droppings” e eles evitam comê-las nos meses secos de inverno.



Fig. 1. O pequeno *Brachycephalus* sp. pode ficar bem exposto, com seu colorido forte. (Foto: I.Miller)

A segunda é *Pseudolaelia corcovadense*, que na região de Nova Friburgo cresce em superfícies rochosas e entre colônias de arbustos de *Vellozia compacta*, germinando em ramos baixos e mais velhos. As folhas desta espécie de *Vellozia* tem uma ponta aguda, dura, plicada, linearmente lanceolada, muito áspera ao tato e claramente não é atrativa nem para o gado mais faminto, no longo e seco inverno. As folhas da *Pseudolaelia* entre as folhas do arbusto *Vellozia*, são exatamente do mesmo tamanho, cor e formato das do hospedeiro, mas são conduplicadas e macias a carnosas e são claramente comestíveis para o gado com fome que, entretanto simplesmente não pode vê-las e/ou não se incomoda a chegar até elas, depois de ter sofrido tentando comer as folhas da *Vellozia*.

Laelia virens foi introduzida na horticultura da Europa em 1837, tendo sido coletada na Serra dos Órgãos pelo botânico escocês George Gardner. Comparada com as outras espécies de *Laelia*, ela não é vistosa e, portanto, foi amplamente ignorada por cultivadores e hibridizadores. As plantas florescem em maio, uns dois meses depois das outras espécies do gênero que ocorrem na Serra dos Órgãos, e produz frutos regularmente. As cápsulas são bem semelhantes as da *Laelia crispa* e requerem quase dez meses para amadurecer. Até 5 flores pequenas, cor de manteiga, apresentam-se aglomeradas em uma curta (6 cm) inflorescência com bainha.



Fig. 2. *Laelia crispa* é uma das espécies mais vistosas da Mata Atlântica. (Foto: I.Miller)

É uma planta de ocorrência ocasional, encontrada em pequenas colônias de 5 – 10 exemplares ou isoladamente, em escarpas inclinadas voltadas para o Atlântico. Seu nicho preferido é na floresta pluvial montanhosa e algumas vezes ocorre em florestas em avançado estágio de regeneração natural, como epífita a 3 ou 4m do solo, recebendo luz filtrada, algum movimento do ar e umidade alta constante, a 1000-1400m de altitude. Isto coloca estas plantas a 200-600m acima de qualquer outra espécie de *Laelia*.

A planta em si tem semelhança com uma pequena planta de *Laelia crispa* que pode ser encontrada em profusão em florestas pluviais montanhosas originais, 800-500m abaixo. Muito ocasionalmente *Laelia crispa* pode ser encontrada na mesma altitude que *Laelia virens*.

Como *Laelia virens* encontra-se na lista brasileira de espécies em extinção, foi uma das espécies de *Laelia* escolhida para estudo no projeto CORES, desenvolvido pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro e financiado pela Petrobras. O projeto de pesquisa considera um número de espécies de *Laelia*, que estão ameaçadas de extinção, para descobrir, por todos os ângulos possíveis, porque estão em extinção e chegar a recomendações para reverter este processo. O estudo está em andamento e ainda é cedo para traçar qualquer conclusão. Entretanto, tendo dito isto, durante longas discussões noturnas com a equipe do projeto, quando todas as possíveis teorias, mesmo que absurdas, foram levantadas...O fato de que em dois locais, que há cinco anos atrás mostravam colônias de até 8 plantas e esta semana não mostravam nem traços da espécie, deixa-nos intrigados. Por que?



Fig. 3. As flores de *Laelia virens* não são muito atraentes para a horticultura. (Foto: I.Miller)

Será que pode ser que estas plantas tenham sido coletadas porque o coletor errou e pensou que estava coletando uma valiosa espécie de *Laelia*. Talvez seja fantasia mas, se for verdade, mimetismo é uma espada de dois gumes. De um lado o bicho pau se beneficia de parecer com um galho seco não digerível e do outro a *Laelia virens* sofre porque, quando não está em flor, parece com uma mais cobiçada *Laelia crispa* e está em perigo de extinção por engano!



AWZ Orquídeas

Produção própria de espécies naturais

Aleksandro e Wladyslaw Zaslawski

E-mail: awz@awzorchids.com.br
 Website: www.awzorchids.com.br
 Telefax: (27) 3227-1936

Rua José Luis Gabeira, 108
 Barro Vermelho - Vitória - ES
 Cep: 29.057-570

L. praestans semi alba delicata 'AWZ'

Cattleya percivaliana 'Summit'

Carlos Keller

carlosgkeller@terra.com.br

Cattleya percivaliana 'Summit'.

Abstract: *C. percivaliana* is a native from Venezuela and Colombia. It is considered a resistant orchid, easy to grow and, if well taken care of, it responds with very beautiful flowers. This article is about the discovery of the species, its taxonomic history, the different habitats where it grows naturally and how to cultivate it. Among many clones, the prize-winning clone 'Summit' is discussed in detail -- its history and the growth techniques used by the author.

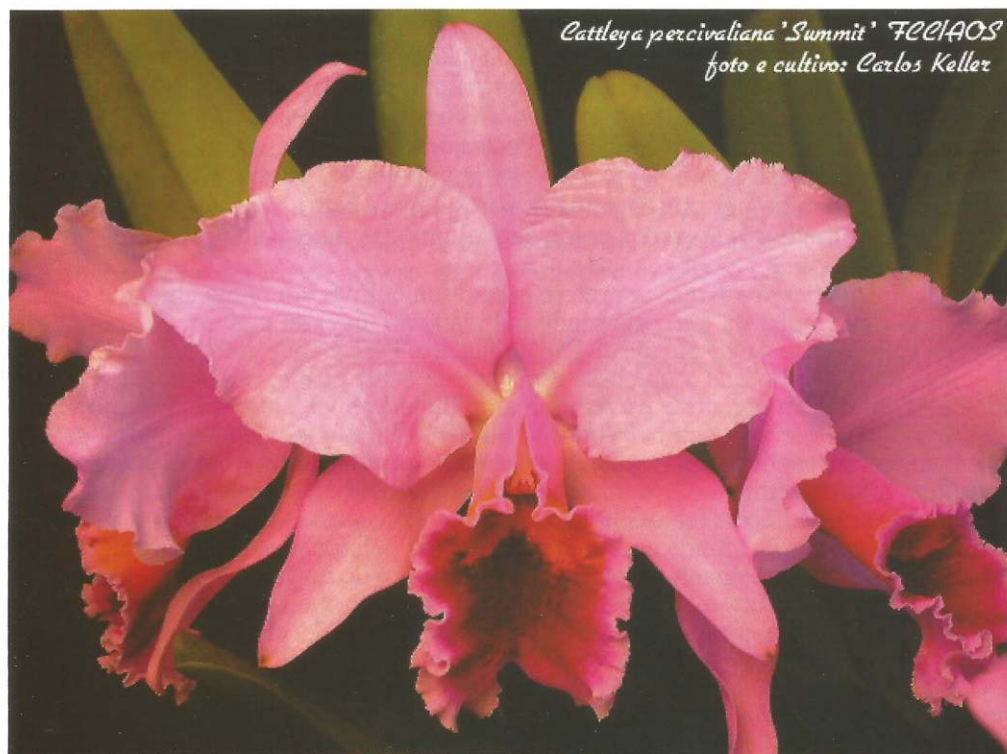
Resumo: *Cattleya percivaliana* é uma espécie nativa da Venezuela e da Colômbia e é considerada uma orquídea resistente, de fácil cultivo e que, bem cuidada, nos presenteia com lindas florações. Este artigo trata da descoberta da espécie, da sua história taxonômica, dos ambientes onde cresce naturalmente e como deve ser cultivada. Entre vários clones, destaca-se o premiado clone 'Summit', com detalhes da sua história e as condições de cultivo usadas pelo autor.

A *Cattleya percivaliana* foi descoberta em 1881 por William Arnold nos Andes de Trujillo na Venezuela. Arnold era um dos mais eficientes coletores de Sanders e viajou muito pela Venezuela e Colômbia coletando orquídeas para serem vendidas por Sanders na Europa.



Cattleya percivaliana 'Summit' FELICIAOS
foto e cultivar: Carlos Keller

Sanders entregou a Reichenbach f. uma pequena parte do material enviado por William Arnold que consistia de duas plantas vivas mas sem flor e 20 flores secas, na esperança de ter ali uma nova espécie, o que é claro aumentaria muito as suas vendas. Reichenbach lamentou estar velho e não ter tempo nem paciência de esperar as plantas florirem para que ele pudesse ver com detalhes as flores dessa nova orquídea, uma vez que do material seco só mesmo um labelo estava bem preservado. Dessa maneira ele classificou em 1882 a *Cattleya percivaliana* como sendo apenas uma variedade dentro do grupo das labiatas, que são por exemplo a *C. labiata*, *C. warneri*, *C. lueddemanniana*, *C. mossiae*, *C. trianaei*, etc, todas as orquídeas de flor grande que conhecemos. Ficou ela sendo portanto *Cattleya labiata* var. *percivaliana*, em homenagem a Mr. R. P. Percival of Birkdale, um orquidófilo famoso na época cujo orquidário estava situado em Southport na Inglaterra. O Sr. Percival juntamente com Sanders fizeram todo o lobby possível para elevar a *Cattleya percivaliana* ao status de espécie distinta e com a doação de cachos de flores recém cortados enviados a alguns taxonomistas eles conseguiram que um ano mais tarde, em 1883 portanto, essa linda orquídea fosse elevada por James O'Brien à categoria de espécie individual. Na natureza ela ocorre na vertente leste dos Andes venezuelanos no Estado de Trujillo (onde é mais abundante), seguindo ao sul ao longo da cadeia de montanhas pelos Estados de Mérida e Táchira.



Inicialmente ela era considerada espécie endêmica da Venezuela mas descobriu-se ainda mais ao sul, exemplares no Departamento Norte de Santander na adjacente Colômbia. Ela habita regiões montanhosas a grande altitude, entre 1.400m a 2000m acima do nível do mar, onde vegeta em árvores ao longo dos rios em busca de umidade. Nas zonas mais altas no entanto, por falta de árvores frondosas ela cresce em frestas de rochedos e tanto as suas raízes quanto as folhas ficam devido à umidade do orvalho cobertas de musgos e líquens, o que possibilita que ela vegete a pleno sol protegida por essa fina camada verde. Em cultivo é claro isso não é possível. No seu habitat a temperatura varia muito, oscilando entre 30°C durante o dia e 10°C durante a noite. Esse é o segredo para se cultivar bem a *Cattleya percivaliana*: muita luz, muita umidade ambiente e grande amplitude térmica entre o dia e a noite. Se essas regras forem seguidas ela vegetará em profusão mesmo ao nível do mar.

O clone 'Summit' que aqui mostro apareceu pela primeira vez em cultivo nos anos 50 nas mãos do vendedor de flores cortadas dos USA, John Lager. A *Cattleya percivaliana* floresce no hemisfério norte em dezembro e o comércio de flores cortadas sempre buscou orquídeas para vendê-las no natal. Infelizmente por serem as flores dessa espécie muito pequenas, oscilando entre 10 a 12cm de diâmetro, elas não faziam muito sucesso nas vendas. Descobriram-se então alguns indivíduos possivelmente tetraplóides na natureza, que passaram a ser chamados na Venezuela de variedade *grandiflora*. Alguns exemplares ostentavam flores com até 18cm de diâmetro o que fez com que elas fossem muito procuradas. A 'Summit' não chega aos 18cm mas é uma delas e o Sr. Lager chegou a ter através de divisões cerca de 200 exemplares desse clone com a finalidade de produzir corbeilles de flores cortadas. Em 1982 um exemplar desse clone foi julgado pela AOS na Filadélfia e recebeu um AM de 80 pontos. Posteriormente já em fevereiro de 1986 um cultivador de nome Benjamin C. Berliner de Bloomfield, Connecticut, exibiu uma planta com 9 flores distribuídas em 3 cachos florais a respeito da qual os juízes da AOS anotaram através de consenso que aquele era o melhor clone já exibido até então. A planta recebeu portanto 90 pontos, o que a levou a um FCC (First Class Certificate), a mais alta distinção que uma orquídea pode receber. Posteriormente à essa premiação a orquídea foi meristemada e passou a ser acessível a muitos cultivadores. Hoje em dia esse clone já foi superado por outros ainda maiores e mais belos, mas ele ainda continua figurando nas melhores coleções como sendo uma das mais belas percivalianas que se conhece.

A *Cattleya percivaliana* prefere para o seu cultivo um clima ameno e de altitude, mas o exemplar da foto está sendo cultivado ao nível do mar em Guaratiba, pequena localidade ao sul da cidade do Rio de Janeiro. Percebi que embora a temperatura dali seja mais alta do que a que essa espécie está acostumada, desde que se obtenha uma alta umidade ambiente e exista uma amplitude térmica entre o dia e a noite que seja significativa, ela vegeta bem mesmo ao nível do mar. A planta fotografada está plantada em um cachepot de madeira e o substrato usado é uma mistura de sphagnum do Chile, brita tamanho 1 (do tamanho de uma tecla de computador), casca de pinus, carvão e casca de côco seco quebrada em pedaços pequenos, aquela dura usada em artesanato. Uso a brita grande pois uma menor cairia pelas frestas do cachepot. Eu também acho que a brita tamanho 1 areja mais o substrato do que a de menor granulatura. A proporção da mistura é 50% de sphagnum, 25% de brita e 25% do resto. Quando a orquídea começa a emitir os botões eu a coloco em um local protegido dos insetos predadores de botões e ao mesmo tempo em um local em que a luz venha só de frente. Dessa maneira todas as flores se direcionam para o mesmo lado, o que dá uma melhor aparência à touceira florida. A *Cattleya percivaliana* é uma orquídea grata, resistente e de fácil cultivo, que deveria figurar em todas as coleções.

*Se você também acha
que a beleza é
fundamental, precisa
conhecer a Aranda.*



ARANDA
ORQUÍDEAS

Beleza em flor:

Escritório Central do Rio: 2529-6688
Espaço Aranda Teresópolis: (21) 2742-0628
Estrada Francisco Smolka, s/nº - Quebra Frascos
Espaço Aranda Guapimirim: (21) 2632-1102
Estrada do Bananal, 1.850
www.aranda.com.br